



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS  
LICENCIATURA EM LETRAS

**OS ESPAÇOS DE EXCLUSÃO E OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS  
CONTOS *O DESENTUPIDOR DE FOSSAS* E *A LOUCA*, DE MÁRCIO SANTANA**

Carlos Augusto Amaral da Cruz

MANAUS – AM

2017

Carlos Augusto Amaral da Cruz

**OS ESPAÇOS DE EXCLUSÃO E OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS  
CONTOS *O DESENTUPIDOR DE FOSSAS* E *A LOUCA*, DE MÁRCIO SANTANA**

Artigo apresentado à disciplina de Pesquisa e  
Produção Acadêmica em Letras III do Curso de  
Letras da Universidade do Estado do Amazonas pelo  
aluno Carlos Augusto Amaral da Cruz como requisito  
parcial para obtenção do título de graduado em Letras  
- Habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação  
do Professor Doutor Allison Marcos Leão da Silva.

MANAUS – AM  
2017

## **BANCA AVALIADORA**

---

Orientador

Dr. Allison Marcos Leão da Silva (UEA)

---

Me. Berenice Coroa de Carvalho (UEA)

---

Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo (UEA)

## OS ESPAÇOS DE EXCLUSÃO E OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTOS *O DESENTUPIDOR DE FOSSAS* E *A LOUCA*, DE MÁRCIO SANTANA

Carlos Augusto Amaral da Cruz (UEA)<sup>1</sup>

Allison Marcos Leão da Silva (Orientador)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, pretende-se lançar um primeiro olhar sobre a obra de Márcio Santana, um escritor amazonense que publica de maneira independente há mais de duas décadas. Para tanto, serão analisados os contos *O desentupidor de fossas* (2012) e *A louca* (2014), ambos narrados em primeira pessoa pelo narrador-personagem Mário Augusto. Na primeira parte do trabalho, será realizada uma análise dos espaços de exclusão para onde são relegados Raimundo Perfumado e a Louca, que são os protagonistas dos contos ora estudados. Na segunda parte, serão postas em evidência algumas características da constituição dos contos. Tal percurso permite constatar que a situação de exclusão é descrita de maneiras diferentes pelo narrador, a partir da visão que ele tem de cada um: medo e repulsa pela feiura e odor malcheiroso de Raimundo, e atração inocente pela estranha beleza da Louca.

**Palavras-chave:** Ficção brasileira; Literatura amazonense; Márcio Santana; Revista Sirrose.

---

<sup>1</sup> Aluno graduando do curso de Licenciatura Letras – UEA

<sup>2</sup> Professor Doutor em Estudos Literários - Literatura Comparada - UEA

Composição da Banca:

Local:

Manaus, 12 de dezembro de 2017.

## Considerações iniciais

Neste trabalho, pretende-se lançar um primeiro olhar sobre a obra de Márcio Santana, um escritor que publica de maneira independente há mais de duas décadas, e que é um dos idealizadores de um dos movimentos literários mais interessantes da cena local nas últimas décadas, senão o mais, que é o Sirrose. O movimento tem como meio de divulgação a revista homônima, cuja primeira edição data do ano 2000 e foi apreendida pela polícia, “acusada de revista pornográfica por uma advogada-delegada que assim afirmou: revista obscena.” (SIRROSE, 2015, p. 3). Hoje já conta nove números, todos publicados de maneira independente com o objetivo de dar espaço a escritores iniciantes ou que não tinham trabalhos publicados por editoras.

Apesar de estar atuando no cenário cultural alternativo da cidade há quase 20 anos, a revista e seus colaboradores receberam até o momento pouca atenção da academia, tendo chegado ao nosso conhecimento a existência de apenas um trabalho de conclusão de curso produzido por Cristiane Naiara Araújo de Souza, então acadêmica do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, que resultou no livro *Sirrose nas Entrelinhas*, premiado no ano de 2011 na categoria melhor texto de jornalismo literário do Prêmio Literário Cidade de Manaus.

A opção por estudar o escritor Márcio Santana veio dessa necessidade de começar a produzir pesquisas acadêmicas sobre esse movimento, a fim de avaliar a sua contribuição para a literatura amazonense, principiando por um de seus idealizadores e participantes mais ativos. No entanto, há que se ressaltar a dificuldade de reunir material para a pesquisa, tendo em vista que as publicações do autor, que na maior parte consistem em livretos de menos de 30 páginas, são feitas em pequenas tiragens que ele vende diretamente ao leitor nos eventos produzidos pelo movimento ou oferecendo aos frequentadores de bares do Centro da cidade.

Nos títulos identificados nesta pesquisa, vimos uma produção diversificada, que principia por uma fase regionalista presente no livro *Contos e histórias de minha terra (1996)*, passando por títulos de literatura fantástica, como a novela *O Homem com a abertura na testa*, de literatura erótica, como o livro de contos *Marcas de mordida na pele (2014)*, e pela literatura marginal com a temática da criminalidade, como no livro *101 furos*.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> A maioria dos livros não contém ficha catalográfica, não sendo possível precisar o ano de publicação. Para os livros *O desentupidor de fossas* e *A louca e outros contos*, foi considerado como ano de publicação a data de assinatura da apresentação feita pelo próprio autor.

Dentro dessa diversidade, nos deteremos nos contos *O desentupidor de fossas* (2012) e *A louca* (2014) para esta análise, os quais despertaram a nossa atenção por terem uma temática aproximada, que é a situação de exclusão social vivida pelos protagonistas, bem como por serem ambos narrados por um mesmo narrador-personagem: Mário Augusto, um adulto que rememora o período da sua puberdade, entre os 11 e os 13 anos, no início da década de 1980, no bairro Educandos, para nos contar as histórias de Raimundo Perfumado e da Louca, respectivamente, dois personagens que marcaram profundamente a sua memória.

Em *O desentupidor de fossas* (2012), Mário Augusto, narrador-personagem, volta à sua infância para contar a história de Raimundo Perfumado, seu primo<sup>4</sup>, um sujeito de aparência grotesca, malcheiroso, alcoólatra e agressivo, de quem ele tinha medo. A história é construída em torno de três encontros entre o narrador e o protagonista, nos quais vai se revelando aos poucos a origem do odor desagradável de Raimundo, além de dois episódios nos quais Mário primeiro tenta e depois consegue saber da mãe a história do primo: a mãe dele morreu no parto e ele foi adotado por Ernestina, avó de Mário. Apesar de ser rejeitado pelo restante da família, teve uma boa infância, mas, com a morte de Ernestina, abandonou a escola aos quinze anos de idade e entregou-se ao alcoolismo aos dezessete. Tornou-se também agressivo e passou a desafiar com seu terçado àqueles que o afrontavam. Depois de uma briga com o irmão mais novo de Zé Arigó, se escondeu em uma fossa para não ser pego e foi talvez desse modo que descobriu sua vocação. No desfecho do conto, Perfumado acabou morrendo em uma briga de bar que foi a vingança do irmão mais novo de Zé Arigó, o mesmo que já havia ferido com o seu terçado anteriormente.

Em *A louca*, Mário conta suas memórias a respeito de uma mulher louca que perambulava pelas ruas e bares do bairro de Educandos durante a sua adolescência. O narrador nos conta que ela era vista com desconfiança e temor pelas beatas do bairro, por falar coisas desconexas e gargalhar alto, além de ser vista rotineiramente bêbada pelos bares, nos quais chegava a dançar nua sobre as mesas e fazer sexo nos banheiros em troca de dinheiro. O garoto, porém, nutria simpatia e afeto pela louca, de modo que ficou indignado por presenciar dois episódios em que a dignidade dela foi desrespeitada: no primeiro, três maus elementos a levam para um galpão abandonado onde fazem sexo com ela, enquanto os meninos da rua bisbilhotam entre as frestas e se masturbam; no segundo, ocorrido no dia da malhação do Judas, as pessoas

---

<sup>4</sup> No conto, Raimundo foi adotado por Ernestina, avó de Mário Augusto, e seria seu tio adotivo. Entretanto, Eunice, a mãe do narrador, refere-se ao protagonista como se fosse primo dele, sendo essa uma inconsistência não explicada ao longo da narrativa.

do bairro apedrejam-na com a intenção de expulsá-la do bairro. Mário ainda a leva para casa e tenta oferecer a ela roupas limpas e comida, mas ela some antes que ele possa ajudá-la.

Na primeira parte deste trabalho, será analisada a construção do espaço nos contos supracitados, com foco nos espaços de exclusão aos quais ambos são relegados pelos moradores do bairro de Educandos, com o objetivo de desvendar os motivos dessa exclusão e como ela se expressa nos corpos das personagens. Na segunda parte, serão examinados elementos da constituição dos contos, como a sua estrutura, o foco narrativo em primeira pessoa, a dicção empregada e a construção das personagens principais e secundárias.

## **1. Os espaços de exclusão em *O Desentupidor de fossas* e *A louca***

Nesta seção iremos discutir acerca da construção do espaço na obra de Márcio Santana a partir dos contos *O Desentupidor de Fossas* e *A Louca*.

Em termos de construção do espaço, a literatura de Márcio Santana é em sua maior parte ambientada em Manaus, sendo, portanto, predominantemente urbana, como de resto também o é a literatura contemporânea brasileira no geral. Isso se deve à rápida urbanização ocorrida no país durante o século XX, pois, segundo Dalcastagné (2012, p. 112), “(...) a literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização”. Em Manaus, particularmente, esse fenômeno se intensificou a partir da implementação do Distrito Industrial e Zona Franca, em 1967. O estudo de Nazareth, Brasil e Teixeira (2011, p. 203) aponta que “a cidade de Manaus passou de 171.343 habitantes em 1960 a 1.802.525 habitantes em 2010, grande parte deste crescimento como fruto do intenso processo migratório desde os anos 60”.

Uma das marcas da representação desta urbanização acelerada no país que podemos perceber na produção literária contemporânea é o desenraizamento das personagens, segundo Dalcastagné (2012, pp. 112-113). A autora destaca que:

Nunca antes os homens (e as mulheres) possuíram tamanha mobilidade geográfica, o que faz com que os sentimentos de comunidade percam centralidade. [...] O que quer dizer que o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem, nômade ou não (ibid., p. 113).

Por esse motivo, a autora considera que é fundamental, para compreender a literatura contemporânea, analisar como os deslocamentos das personagens pelas diversas áreas da cidade, e mesmo entre cidades, países e continentes, contribuem para a construção deles e da narrativa.

Esse não pertencimento ao lugar e à comunidade pode ser observado nos protagonistas dos contos *O Desentupidor de Fossas* e *A Louca*, que ora passamos a analisar. A partir deste momento, a análise procurará recair sobre os espaços de exclusão para os quais são empurrados estes personagens, procurando desvendar o papel que eles desempenham na construção da narrativa.

### **1.1 Raimundo Perfumado: o homem transformado em dejetos**

Sobre Raimundo, que recebe o apelido Perfumado por trabalhar desentupindo fossas e exalar um odor de “merda seca”, o narrador nos conta que esse isolamento já se inicia desde o parto, depois do qual foi adotado pela avó Ernestina, após ser entregue a ela na maternidade da Santa Casa de Misericórdia:

(...) enrolado em um pano velho (...). Tinha o crânio afundado e a pelezinha desprendendo-se do corpo. Havia sobrevivido milagrosamente às inúmeras pauladas e facadas que lhe foram desferidas ainda no ventre de sua mãe biológica, que não tivera a mesma sorte (Santana, 2012, p. 12).

A família, à exceção das irmãs Eunice e Amália, não aceitou Raimundo como um de seus membros, e considerou que Ernestina “só pode estar louca” por tomar uma atitude “extrema e descabida” levando aquele bebê para casa. A situação se tornou ainda mais complicada para ele com a morte de sua mãe adotiva, depois da qual Raimundo, então com quinze anos de idade, se tornou revoltado e agressivo, largando os estudos aos dezessete e se entregando ao alcoolismo. Em uma das muitas brigas nas quais se envolveu, o jovem precisou se esconder da polícia e acabou entrando em uma fossa, para aguardar os policiais encerrarem sua busca. Neste episódio, descobriu a sua imunidade ao contato com os dejetos da fossa, o que lhe seria útil no ofício de desentupidor de fossas, pelo qual ficou conhecido posteriormente.

No entanto, vale ressaltar que, no conto, já encontramos Raimundo adulto, exalando o odor característico, além do cheiro de cachaça, com a aparência grotesca, e só ficamos sabendo de sua história depois, pela insistência do garoto em saber como ele se tornou o que é. A



aparência, o odor desagradável e o comportamento agressivo fazem com que a personagem seja vista como uma presença incômoda nas reuniões de família, motivo pelo qual só o vemos ocupando o espaço do fundo dos quintais, quando não está bebendo nos bares do bairro. Sua presença é tolerada nas casas apenas para realizar pequenos serviços como desentupir fossas ou limpar o quintal.

Para a análise do espaço nesta narrativa, os elementos mais importantes aqui são o próprio corpo do protagonista e a fossa, que acaba dando a ele a sua característica mais destacada, revelada no seu apelido irônico de Perfumado. Isto porque, de acordo com Dalcastagné (2012, p. 209), uma característica da literatura contemporânea é que, ao se abolirem as longas descrições do espaço, que eram características das narrativas no século XIX, passou-se a uma economia cada vez maior de detalhes do ambiente onde se desenrola a ação, e isto exige do estudioso de literatura contemporânea a análise do espaço já a partir dos corpos das personagens, pois:

[...] se antes tínhamos a farta apresentação de móveis, utensílios e vestimentas, além de detalhes da própria casa e da rua onde ela estaria instalada, para esclarecer a posição de determinada personagem, hoje, precisamos nos ater ao modo como ela fala, como gesticula e se comporta diante de outras para saber de onde ela vem, e quem ela é. Mais do que nunca, a personagem transporta seu próprio espaço, por mais reduzido que ele seja (idem, p. 209).

Desse modo, as questões referentes ao corpo das personagens são de grande importância para a compreensão do espaço na constituição da narrativa contemporânea. Por esse motivo, passa-se nesse momento à análise de como é constituído o corpo de Raimundo, as transformações por que passa, e como estas questões contribuem para a construção do sentido na narrativa.

O corpo de Raimundo é descrito pelo narrador em diversas partes do texto, todas elas acompanhadas de alguma manifestação de estranhamento, medo ou asco. Logo no início do conto, que narra o primeiro encontro de Mário Augusto com o primo, ficamos sabendo do “fedor de merda seca misturada com aguardente” que exala da sua pele “de lagarto”, que sua cabeça é “troncha como a do Homem Elefante”<sup>5</sup>, de seu sorriso com dentes estilhaçados, barba por fazer e fios compridos escapando do seu nariz grosseiro (Santana, 2012, pp. 5-6).

---

<sup>5</sup> Trata-se de Joseph Merrick (1862-1890), um inglês que desenvolveu deformidades ósseas no lado direito do corpo, se tornou atração de circo sob o nome artístico de Homem Elefante, e depois passou ser objeto da curiosidade de cientistas. A referência no livro deve-se provavelmente ao filme *O Homem Elefante* (1980), de David Lynch, inspirado na vida de Merrick (RINCÓN, 2017).

No segundo encontro ele aparece descalço e só de bermudas e chama o garoto com sua “voz cavernosa” que, ao se aproximar, observa o “reflexo fantasmagórico da fogueira que queimava e tremia dentro de suas pupilas vermelhas e dilatadas. Ele parecia um **demônio** feliz” (idem, p. 7, grifo nosso).

No terceiro encontro, é reconhecido por suas costas largas e nuas, contava dinheiro com seus dedos “sujos e trêmulos” e, depois de tomar uma garrafa de pinga, é descrito com “seus imensos olhos de fogo” soltando vapores quentes de suas “narinas animais, como se fosse um dragão ou a própria figura do Minotauro” (idem, p. 11). Para completar esta descrição, podemos considerar a garrafa de Chora Rita e o terçado quase como componentes do seu corpo, posto que ele estava quase sempre de posse deles.

A partir do exposto, vemos que Raimundo é desumanizado pelo narrador, que atribui a ele, sobretudo pelas metáforas utilizadas, características de um monstro mais que de um homem. Não é à toa que ele não sente a menor simpatia pelo primo e só se aproxima dele por ser obrigado pela mãe ou por não ter alternativa. Essa monstruosidade, no entanto, se torna ainda mais grotesca quando o menino vê Raimundo mergulhar e sair da fossa, “coberto de larvas e tapurus que ainda lhe escorriam vivos e pegajosos” (p. 12). É esta imersão constante na fossa que dá o acabamento final da desumanização do personagem, que passa a ter seu nome acompanhado do apelido irônico e depreciativo de Perfumado, que se sobrepõe ao seu próprio nome, sendo, portanto, mais um fator de despersonalização e desumanização da personagem.

Ao mergulhar na fossa sem nenhuma proteção, Raimundo demonstra estar imune ao que há de fisicamente mais repugnante no ser humano, que são os seus excrementos, o que sobra da digestão humana após aproveitar os nutrientes, e nos quais são descartados também os parasitas e toda espécie de imundície presente no corpo. Mais do que isso, ao viver do ofício de desentupidor de fossas, mergulhando rotineiramente nesses dejetos, o corpo de Raimundo fica impregnado do odor deles e é como se ele próprio se tornasse um dejetivo humano, alguém de quem todas as qualidades já se encontrassem extraídas e agora só lhe restasse o fardo de ser rejeitado pelos familiares e pelas pessoas do bairro, em suma, pela sociedade na qual foi criado. E ele já se encontra de tal modo identificado a essa realidade, que a metáfora da vida da qual se utiliza em uma das suas primeiras falas ao narrador-personagem, em resposta à pergunta pelo motivo de ele feder tanto, é “Porque a vida da gente é uma merda boiando, garoto” (p. 6). O próprio narrador também o define assim, mais adiante:

Sozinho agora em seu canto escuro, tal e qual um bicho do mato, Raimundo Perfumado era a própria personificação da solidão, da alegria e da dor. A

**grande fossa humana aberta espalhando seu doce aroma de merda, pela noite de minhas memórias...**(p. 8, grifo nosso)

Para concluir esta parte da análise, respondamos a pergunta que Mário Augusto faz repetidamente ao longo do conto: por que Raimundo fede tanto? Retomemos o percurso de Raimundo: órfão já no nascimento, foi adotado por Ernestina e teve os melhores anos de sua vida enquanto ela viveu, mesmo já sendo rejeitado pelo restante da família como um monstrinho. Depois da morte da mãe adotiva, tornou-se alcoólatra e seu corpo começa a ganhar o cheiro de pinga. Mais tarde passa a mergulhar em fossas para desentupi-las, e faz disso boa parte de seu sustento, adquirindo o odor desagradável que vem se unir ao de álcool. Torna-se cada vez mais descuidado da aparência e da higiene, de modo que sua pele também se transforma na “pele de lagarto” descrita pelo narrador. Portanto, como resposta ao narrador-personagem, o conto parece nos dizer que a personagem é um retrato exacerbado do quanto a exclusão social, a miséria e a orfandade podem ser degradantes ao ser humano, atingido-o em sua dignidade a tal ponto que passa a não ser mais visto pelos demais em sua humanidade plena, mas como alguém inferior, quase animalesco ou monstruoso, que não merece conviver com os homens normais.

## **1.2 A louca: um retrato da exclusão e violência contra as minorias**

Também é nos bares e nas ruas do Educandos que vamos encontrar a louca, protagonista do outro conto que ora analisamos. Esta personagem, no entanto, tem ainda mais acentuado o seu não pertencimento ao meio social no qual está inserida: se Raimundo Perfumado ainda tinha um nome e uma história, além das duas irmãs que o defendiam com unhas e dentes, não se pode dizer o mesmo da louca. Ela não é nomeada e não tem ninguém por ela; era uma completa estranha que perambulava pelas ruas, daquelas que as mães usam para fazer medo aos filhos. Ela também não tem voz: em nenhum momento da narrativa ela tem a oportunidade de falar sobre si ou sobre a sua visão de mundo. Ela não tinha mesmo um teto para abrigá-la, como testemunha o narrador a caminho da igreja, quando a vê dormindo no banco da praça, debaixo do jambeiro, ao relento.

Um primeiro dado que marca o seu *status* de estranha a este lugar é sua aparência física: o narrador a descreve como corpulenta e excessivamente branca (Santana, 2014, p. 6). Além

disso, quando Aritana comenta ter ouvido a louca dizer que morava na Groenlândia, Augusto se pergunta se era por isso que ela tinha a pele “bem clara e aqueles olhos esverdeados que doíam” nos dele (idem, p. 8). Por essas descrições, torna-se evidente que ela era mais branca que qualquer outro morador das redondezas, afinal ela não era apenas branca, mas o era em excesso. Considerando-se que o biótipo característico do manauara médio é pardo, especialmente em se tratando de um ambiente de classe pobre, como é o presente no conto, entende-se melhor o assombro do menino com a aparência física da personagem.

Quanto à informação de que a Louca veio da Groenlândia, como é dada por ela própria, pode ser tanto verdadeiro como apenas mais uma criação da sua loucura. De todo modo, é mais um elemento que vai marcar a sua condição de forasteira, posto que, mesmo que ela não tenha vindo de onde afirma, veio de um lugar desconhecido da população local e o fato de ela dizer isso demonstra como a sua subjetividade é constituída a partir dessa premissa de não pertencer ao lugar onde habita no tempo do conto.

Necessário se faz dizer que o comportamento da louca era considerado escandaloso para as mulheres do bairro, chamadas de *beatas* por Mário Augusto. Isto fica patente no trecho em que o narrador comenta que a louca subia nas mesas e tirava a roupa quando bebia em excesso e, quando as beatas presenciavam estes momentos a caminho da missa, esconjuravam-na como a um demônio. Aqui está posta uma clara oposição entre os espaços da igreja - lugar do religioso, dos que buscam a Deus, do social e moralmente permitido, frequentado pelas beatas - e dos bares do Luizinho e do Defunto - lugar do pecado, dos entregues ao demônio, das transgressões morais e sociais, frequentado pela louca.

Não obstante, para a sensibilidade do narrador, tem-se aí uma inversão de perspectiva: a louca era inofensiva e inocente como uma criança e ele não via nada de demoníaco ou perigoso nela. Já as beatas, que aconselhavam seus filhos a manterem distância da louca por receio de que ela os atacasse, na verdade tornam-se as agressoras no final da narrativa, junto com as crianças, inclusive, como se o narrador quisesse pôr em evidência a atitude desumana das pessoas que deveriam praticar o bem pela religião que seguem ou pela posição social a que se arrogam.

Mas não foram apenas as beatas que a violentaram: o narrador nos diz que “Loucos mesmo eram os que levavam a louca para os fundos do bar do Luizinho ou do Defunto e dela se aproveitavam” (Santana, 2014, p. 8). Aproveitavam de sua loucura para abusarem do seu corpo rotineiramente, dando-lhes trocados que ela utilizava para continuar bebendo. O abuso chega ao cúmulo quando ela é seduzida pelo Diabo Ruivo, que a leva até um galpão abandonado, onde foi abusada por mais de cinco homens.

Chegamos ao ponto no qual já identificamos três elementos que explicitam a exclusão social da louca: a sua condição de estrangeira, da qual se ignorava quase completamente as origens; de louca convivendo com pessoas “mentalmente sãs”; e de mulher que não desempenhava o papel desenhado para ela por uma sociedade predominantemente cristã católica como era a brasileira na época. Mas como essa exclusão chegou ao ponto de os moradores, liderados pelas beatas, apedrejarem a louca e expulsarem-na do bairro? Para entender essa violência mais extrema dos moradores do Educandos em relação à louca, é elucidativo o ensaio sobre a violência praticada contra as minorias em tempos de globalização realizado por Arjun Appadurai em *O medo ao pequeno número* (2009).

Para o crítico indiano radicado nos Estados Unidos, os processos de globalização têm tornado cada vez menos nítidos os limites dos estados nacionais em diversas dimensões, sendo a que nos interessa aqui a provocada pela migração acentuada, tanto das elites quanto de proletários, que:

(...) criam tensões sem precedentes entre as identidades de origem, identidades de moradia e identidades de aspiração (...). Fronteiras financeiras permeáveis, identidades móveis e tecnologias rápidas de comunicação e transação, juntas, produzem discussões, tanto dentro quanto através de fronteiras nacionais, que têm novos potenciais para a violência. (Appadurai, 2009, p. 36)

A principal consequência das tensões geradas pela globalização como acima descrita é que as maiorias historicamente constituídas, que geralmente têm a sua identidade plenamente unida à ideia de identidade nacional, passam a temer as minorias por verem nelas uma ameaça ao *status quo*. Esse medo - alimentado por certas condições que o autor descreve em seu livro, mas que não vamos detalhar aqui - é que acaba gerando uma reação de extrema violência contra o corpo das minorias produzidas historicamente, pois ele:

combina as seduções do familiar e as reduções ao abstrato na vida social, permitindo que os medos do global sejam incorporados por ele e, quando situações específicas ficam sobrecarregadas de ansiedade, que esse corpo seja aniquilado. (idem, p. 42)

Voltando ao conto, viu-se que a louca é uma estranha cuja história de vida seus vizinhos desconheciam completamente. Não é possível determinar os motivos que a trouxeram. Como não é dada voz à personagem, não foi revelado mesmo se ela conservava algo que a identificasse ao seu local de origem. Nesse sentido, pode-se até especular sobre as “palavras

estranhas” e sobre a “canção de seu estranho mundo” que ela costumava cantar, dadas pelo narrador como provas de sua loucura, que poderiam ser, na verdade, palavras de uma língua nativa e uma canção de sua terra natal, respectivamente. Ainda assim, estas possíveis marcas de uma identidade estrangeira não seriam suficientes para gerar uma tensão significativa com a comunidade local. Sua condição de migrante tem importância por demarcar no conto o espaço entre um “nós”, os moradores do bairro Educandos, e ela, a estrangeira, sem vínculo ou identificação com o local e os valores locais.

Sozinha, no entanto, essa estrangeiridade não é capaz de gerar a violência que se praticou contra ela no final do conto. Para tanto, contribuíram também a sua condição de mulher alcoólatra e promíscua, bem como a sua própria loucura, que se manifestava na sua gargalhada despudorada, e que se exacerbava na sua nudez pública sob o efeito do álcool. Estes dois últimos elementos constitutivos da personagem são certamente os que mais se chocavam com a moral vigente no bairro, os que mais ameaçavam a identidade cristã e pudica das beatas, a ponto de estas afirmarem que ela era o próprio demônio. Combinadas, estas três condições da personalidade da louca é que transformaram seu corpo em alvo da violência de uma maioria que via nela uma ameaça ao equilíbrio moral e social do bairro, transformando-a em uma “Judás” humana sobre a qual a população descarregou a sua tensão por meio de pedradas.

## **2. Outros aspectos observados nos contos *O desentupidor de fossas* e *A louca***

O primeiro elemento dos contos ora estudados que será analisado nesta seção é a visão do narrador sobre os protagonistas. Ambos são contados em primeira pessoa por Mário Augusto, um narrador já adulto que revisita por meio da memória a sua experiência com Raimundo Perfumado e a Louca, duas personagens que marcaram profundamente o período da sua puberdade, cada um ao seu modo. E é exatamente a percepção que o narrador tem delas que marcam o tom empregado em cada conto.

O conto *O desentupidor de fossas* é dividido em dez partes, todas recebendo um título. O enredo do conto é construído a partir de quatro episódios nos quais o narrador encontra Raimundo Perfumado. No primeiro, Mário Augusto estava em casa e foi obrigado pela mãe a ir ao encontro do primo, que o esperava na varanda. Nesta ocasião, ele pergunta a Raimundo porque ele fede tanto, ao que o primo desconversa com a frase “Porque a vida da gente é uma merda boiando, garoto” (Santana, 2012, p. 6).

No segundo, a família estava reunida para os festejos de São João na casa da tia Olívia, em um cenário com a “lua glamurosa e um céu estalando de estrelas” (sic), tudo “transcorrendo na santa paz” quando o narrador viu “surgir dos fundos do quintal a sombra desgraçada de Raimundo Perfumado eclipsando a lua” (p. 7).

No terceiro, Mário Augusto estava em uma das manhãs de domingo que costumava passar na casa da tia Amália, nas quais, em suas palavras, “ganhava a liberdade daquele quintal mágico e nele gozava os folguedos de minha tenra idade, subindo nas árvores, cavando minhocas e me divertindo a valer” (p. 10-11). Novamente a chegada de Raimundo perturba a paz e a felicidade do garoto, desta vez para mostrar a ele finalmente qual era o seu trabalho sujo, ao mergulhar para desentupir a fossa da casa onde se encontraram.

No último encontro, Mário está novamente em sua casa quando um vizinho vem avisar que Raimundo estava envolvido numa briga com o Zé Arigó, na Taberna do Defunto, e no mesmo instante Eunice, que era a protetora de Raimundo, sai em desespero para o local da briga, seguida de seu filho. Como podemos perceber, em todos eles parte-se de uma situação cotidiana de tranquilidade que é perturbada pela entrada em cena do protagonista, pressentida pelo forte odor que dele emanava.

Em todos os encontros ficam evidentes o medo e o nojo que o narrador sentia de Raimundo, o que é determinante para o tom dado ao conto e para as imagens escolhidas para descrever o protagonista, comparado a seres como o Minotauro, ou o Homem Elefante, com pele de lagarto, dentes estilhaçados, exalando seu fedor característico de fezes e cachaça. O protagonista só é descrito de outra forma quando o narrador cede a fala à sua mãe, Eunice, que lança um olhar benevolente a Raimundo. Quando Mário pergunta a ela por que o primo fede tanto, por exemplo, ela responde que ele não fede, ele cheira. Ela sustenta também que ele não é de arrumar desavenças, apenas se defendia de quem o provocasse. Eunice traz, portanto, um contraponto à visão bastante negativa que o menino tinha do primo.

Seguindo na descrição do enredo, observa-se que os quatro episódios antes mencionados são entremeados ainda por dois episódios: a ida de Mário ao Centro de Manaus com sua mãe, na qual ele pergunta a ela o porquê de Raimundo feder tanto, e ela evita responder dessa vez, afirmando que “tem coisas que é melhor não entender” (p. 9). E a ocasião em que sua mãe conta a história de vida de Raimundo Perfumado, na penúltima parte do conto. Vemos, então, que a estratégia narrativa do conto gira em torno do medo que o narrador sentia do protagonista, mas também da sua curiosidade inocente para saber por que ele fedia tanto, que podemos traduzir como tentativa de entender como Raimundo se tornou o ser grotesco que ele conheceu.

O conto *A Louca* também se estrutura em pequenas partes numeradas em algarismos romanos, num total de catorze. Essas partes não recebem títulos, como no anterior, e sua constituição varia entre um parágrafo com apenas dois períodos curtos, como a parte XI, e parágrafos mais extensos, como o são as partes XII e XIV.

O narrador já inicia direcionando o modo como suas lembranças devem ser lidas pelo leitor, afirmando que elas devem ser vistas em preto e branco porque “a pureza só existe em preto e branco” (Santana, 2014, p. 5). Além dessa busca pela pureza, na parte IV Mário nos diz que depois de tantos anos, a Louca vem a ele “em fragmentos sonoros. Como uma fotografia desbotada. Descolorida. Rasgada ao meio.” (idem, p. 6). Já na metade do conto, na parte XI, pouco antes de narrar as cenas de violência ao corpo da Louca - o abuso sexual praticado por mais de cinco “marmanjos”, na sexta-feira da paixão, no galpão abandonado, e o apedrejamento dela no dia seguinte - o narrador adverte novamente o leitor: “Não mexam nas cores, já disse! Deixem-nas como aí estão.” (p. 9). A alusão às cores volta no final do conto, depois que ele não encontra a Louca no pátio, onde a deixara esperando, ao voltar com a comida e as roupas secas que pretendia dar a ela: “Não havia nenhum sinal da louca. Estranho. Nem mesmo seu cheiro. Nada. Apenas as catraias balançando no fundo. O ar frio e puro daquela manhã em preto e branco.” (p. 14).

Essa insistência do narrador-personagem em manter o leitor visualizando as imagens de sua narrativa em preto e branco, além de tentar recriar a atmosfera de pureza da sua infância, como ele mesmo já nos dá a entender, marca também um distanciamento simbólico desse período, fundado tanto na passagem do tempo, que desbotou as cores das lembranças, quanto na transformação pela qual passou a sua personalidade, visto que se tornou “metade-humano, metade-besta” (p. 6) com o passar dos anos, em contraposição ao menino puro e inocente de doze anos que um dia foi.

É por meio desse olhar puro de Mário que a Louca nos é apresentada. Ela é descrita como uma mulher estranhamente bonita, a ponto de despertar nele sensações que ainda não era capaz de compreender por causa da sua inocência e inexperiência, típicas da puberdade, essa época de grandes transformações físicas e psicológicas. Além disso, ele não tinha medo, não via nenhum demônio nela e a considerava inocente e com “alma de criança” (p. 7).

Esse dado se torna ainda mais interessante quando posto em contraste com o medo que o mesmo narrador sentia de Raimundo Perfumado, que chega a ser comparado a um “demônio feliz” (2012, p. 7), pois esse olhar do narrador é determinante para as palavras escolhidas em ambos os contos. *O desentupidor de fossas* é um conto sobre uma personagem grotesca, a partir do qual o conto é construído por meio de imagens que evocam o feio, o sujo, o execrável, o



malcheiroso. Já em *A louca*, a protagonista tem destacadas a inocência e a beleza, sendo descrita como uma mulher de belos olhos verdes, olhar venenoso, com uma elegância provocativa. É isso que determina o tom diferente dado em cada conto: é como se, para o narrador, fosse compreensível a exclusão sofrida por Raimundo, mas não pela Louca.

A pureza de Mário, por sua vez, está intimamente ligada ao que para ele representa Eunice, sua mãe, que era quem o educava a ser bom e manter a sua índole de menino. Ela era a sua referência de bondade em meio a uma humanidade que ele começava a perceber como fria, bestial, egoísta e miserável de alma (2014, p. 9). Em alguns trechos o narrador deixa os protagonistas de ambas as narrativas de lado e passa a falar das saudades que sentia da mãe, da vontade que tinha de poder repousar de novo a cabeça em seu colo, da sua bondade.

Uma característica que pode ser observada em ambos os contos é a presença de um desfecho que deixa o final em aberto, deixando ao leitor a tarefa de imaginar o que poderá ter acontecido. Em *O desentupidor de fossas*, o narrador nos conta a história apenas até o momento em que Raimundo, depois de ter escapado da prisão pela polícia por ter atingido Zé Arigó com seu terçado, se separa de Eunice e vai beber em outro bar, onde o irmão de Zé Arigó já o esperava. O conto termina aí, embora saibamos que o irmão de Zé Arigó vai matá-lo, posto que o narrador diz nunca mais tê-lo visto depois disso, e mesmo pela marcação textual através das reticências, que deixa a sensação quase palpável do que vai se suceder. Já em *A louca*, o final deixa em suspenso qual o destino da protagonista, que simplesmente some antes mesmo de receber a comida e as roupas limpas que Mário conseguiu convencer a mãe a doar para ela, tomando para um paradeiro tão desconhecido quanto a sua origem.

Interessante notar que o narrador diz da Louca o mesmo que disse de Raimundo: nunca mais viu a ambos. Quanto a Raimundo, isto se deve a ele ter encontrado a morte pelas mãos do irmão de Zé Arigó, uma morte pouco sentida pelo narrador, a não ser pela tristeza de sua mãe. Em relação à Louca, como não sabemos do seu destino, é como se essas palavras marcassem a sua morte simbólica para o narrador, uma morte sem possibilidade de luto e que tornou o seu sentimento em relação a ela platônico para sempre. O tema da morte aparece também no tom nostálgico com que o narrador fala da mãe, Eunice, ressaltando o desejo de poder ouvir sua voz ou pousar a cabeça em seu colo novamente. Nos dois últimos casos, fica latente a impossibilidade de reviver um passado desejado e, por isso, rememorado.

Podemos destacar ainda a presença dos personagens secundários em ambos os contos, que deixam a narrativa menos concentrada nos protagonistas em alguns trechos. Eunice, a mãe do narrador, tem papel importante em *O desentupidor de fossas*, onde aparece como a maior defensora de Raimundo Perfumado e também como a pessoa que revela ao filho a história do

primo. Temos também Zé Arigó e seu irmão caçula como antagonistas de Raimundo, pelas brigas envolvendo os três, que resultam na morte do protagonista, em uma vingança do caçula.

Mas é em *A louca* que vemos uma presença maior de personagens secundárias com papéis relevantes para o enredo da história: as beatas, que de início temem ser agredidas ou terem seus filhos agredidos pela louca, mas no fim acabam liderando o seu apedrejamento; os amigos do narrador, dentre eles Aritana, que lhe conta ter ouvido a louca dizer que mora na Groenlândia; além de Deka (Diabo Ruivo), Marreta e Zé Bigorna, que são apresentados como maus elementos que abusavam sexualmente dos menores e são importantes na narrativa por terem sido eles quem, sob a liderança do Diabo Ruivo, levaram a Louca para ser abusada no galpão abandonado.

Destaque-se também a cronologia dos fatos que estabelece um paralelo entre as violações do corpo da louca e os eventos da semana santa: ela foi abusada no galpão abandonado na sexta-feira da Paixão, “Quando enfiaram aqueles pregos nas mãos de Nosso Senhor e o penduraram na cruz”; e no sábado de aleluia, no dia de malhar o Judas, ela foi quem virou o alvo da população do bairro, que a apedreja e a expulsa. Este paralelo dá um realce maior aos atos de violência praticada contra a Louca, posto que aconteceram em dias vistos como sagrados na religião seguida pelo garoto e por sua mãe.

Outra possibilidade de leitura a partir desse paralelo é a de que, para o narrador, a Louca tenha sofrido da mesma injustiça e violência que sofreu o próprio Jesus Cristo, que foi condenado injustamente à morte após ser torturado pela sociedade de seu tempo, conforme consta nos evangelhos. Do mesmo modo, ao ser abusada sexualmente pelos maus elementos e apedrejada pela população, quando deveria ser acolhida e cuidada por ser louca e não poder responder pelos seus atos, a Louca também sofre em seu corpo a reação violenta de uma sociedade que não é capaz de compreendê-la.

### **Considerações Finais**

A análise do espaço nos contos estudados revela que os personagens aparecem em situações de exclusão: Raimundo, por sua feiúra, mau cheiro, alcoolismo e agressividade, somente tem sua presença permitida nas casas, mesmo dos familiares, para desentupir fossas ou limpar os quintais – excetuando-se Eunice e Amália, que eram suas protetoras. A Louca passa a maior parte do tempo bebendo nos bares, onde é levada para o banheiro para manter relações sexuais com os seus frequentadores, e não dispõe de um local para dormir.

Por essa exclusão, seus corpos passam a ser o principal objeto de estudo do espaço nos contos, por levarem as marcas dessa exclusão: Raimundo, na sua aparência grotesca, de tão descuidada, e no odor característico e permanente que adquiriu limpando fossas; a Louca pela violência que seu corpo sofre dos frequentadores do bar e dos moradores do bairro liderados pelas beatas, que explicamos como um medo às diferenças representadas pelas minorias tal qual descrito por Appadurai em *O medo ao pequeno número* (2009).

A exclusão social por eles vivida é vista de diferentes modos em cada conto: Raimundo Perfumado é despersonalizado pelo narrador e descrito com a aparência de um monstro, comparado até a um “demônio feliz”; a Louca, ainda mais desprovida de sua individualidade pela sua loucura e por se desconhecer completamente o seu passado, é, no entanto, descrita como estranhamente bela, inocente e inofensiva como uma criança.

Essa diferença se revela na linguagem utilizada nos contos, que faz referência ao grotesco, feio, sujo e malcheiroso no primeiro conto, como que a justificar a exclusão sofrida por Raimundo. E ao referir-se à beleza e inocência da Louca, comparada a uma criança como o narrador, faz pensar em como ela não merecia a exclusão, mas acolhimento, como o que o próprio narrador queria dar a ela.

A presente pesquisa, em que pese as dificuldades encontradas por se tratar de um autor ainda não estudado, mostrou-se frutífera por revelar que, a julgar pelo já visto nos contos analisados, há elementos na literatura do escritor Márcio Santana que merecem ser estudados. Os personagens dos contos analisados foram construídos com competência pelo escritor e nos levam a refletir sobre temas universais, como a hipocrisia de religiosos, o preconceito com o diferente, a exclusão de pessoas que não nascem no padrão de beleza, a orfandade, a loucura e o tratamento dado ao louco por nossa sociedade, especialmente quando se trata de uma mulher.

Como se trata de um trabalho de apresentação do autor, ainda é cedo para discutir a sua contribuição para a literatura amazonense, para o que serão necessários ainda outros estudos, levando-se em conta, sobretudo, a diversidade de temas e gêneros de que é composta a sua obra.

## Referências

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. Tradução: Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

NAZARETH, Tayana; BRASIL, Marília; TEIXEIRA, Pery. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.121, p.201-217, jul./dez. 2011.

SANTANA, Márcio. **A louca e outros contos**. Manaus: Publicação independente, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Desentupidor de fossas**. Manaus: Publicação independente, 2012.

REVISTA SIRROSE. Manaus: n. 9, 2015.

RINCÓN, Maria Luciana. Conheça a trágica história de Joseph Merrick, o “Homem Elefante”. **Mega Curioso**. 2017. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/ciencia/104220-conheca-a-tragica-historia-de-joseph-merrick-o-homem-elefante.htm>> Acesso em: 29 nov. 2017.